

O Nome da Rosa

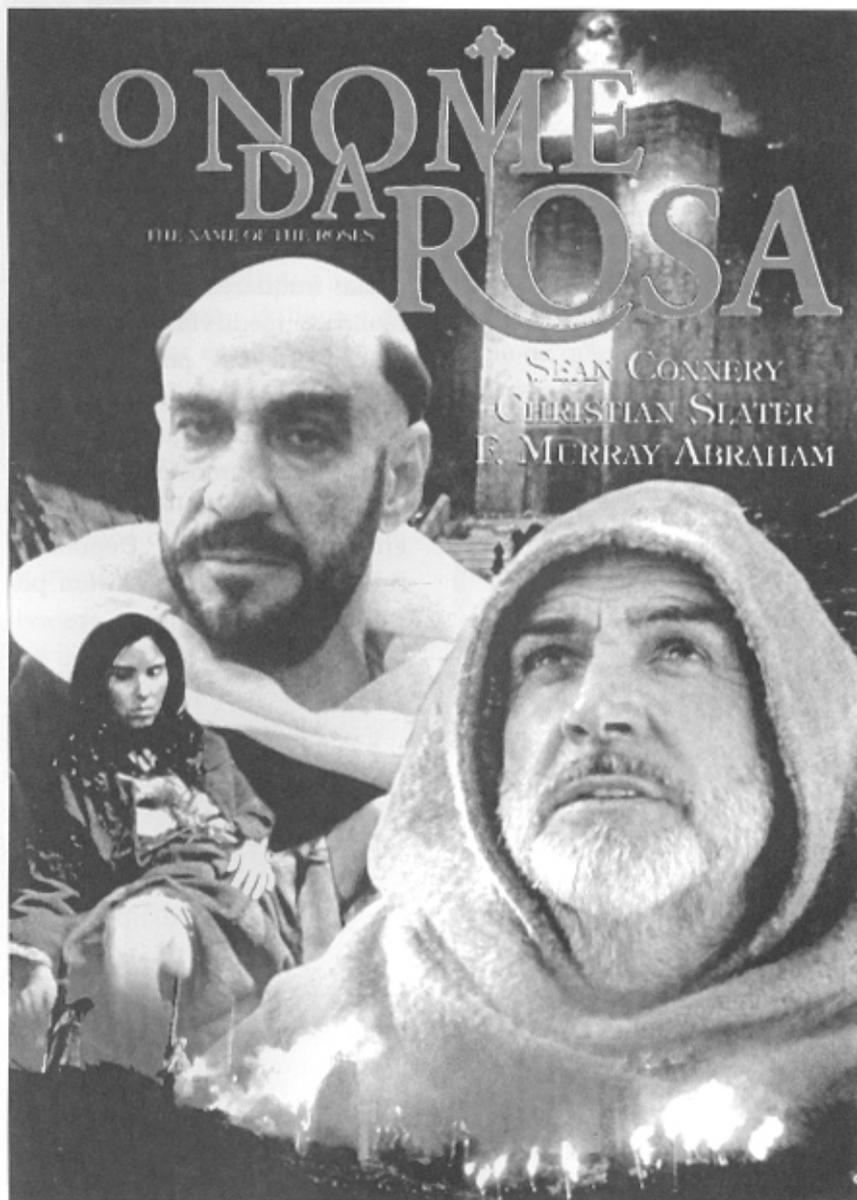
O riso como perversão da alma

ANA CAROLINA CALIÓPIO, CAMILA TAVARES E GISELE DE OLIVEIRA

Suspense? Drama histórico? Filme "cabeça"? *O nome da rosa*, de Jean-Jacques Annaud, pode ter todas essas classificações. Mas pode também ser caracterizado como um filme que fala, sobretudo, sobre o riso. Mais do que isso, sobre como esta manifestação dos sentidos humanos era vista pela Igreja na Idade Média: algo que afastava o homem de Deus e da verdade, e que, ao menos no filme, poderia levar monges beneditinos à morte.

Sem fugir da estrutura narrativa do livro no qual foi baseado, o *best seller* homônimo de Umberto Eco, o filme *O nome da rosa* se passa em um mosteiro na Itália de 1327, cuja paz é abalada por uma série de mortes. Os monges acreditam que se trata de uma "obra do demônio". Entretanto, o frei William de Baskerville (Sean Connery), com ajuda de sua racionalidade franciscana e do aspirante a monge Adso de Melk (Christian Slater), logo diagnostica que não eram os maus espíritos os assassinos.

No melhor estilo Sherlock Holmes e com uma ambientação primorosa das "trevas medievais", a trama caminha por um labirinto



de pistas que acaba por revelar que as mortes estariam relacionadas a um livro. Suposta-

mente o Livro II da *Poética de Aristóteles*, que versaria sobre o humor e a comédia.

O livro

O Livro II da *Poética* de Aristóteles pode ter sido uma invenção de Umberto Eco que tentou ser comprovada sem sucesso por algumas teses. Em *O nome da rosa*, a obra representava um grave perigo para o mosteiro, uma "ilha de ordem e racionalidade". É o próprio filósofo quem esclarece o porquê do medo de o livro cair em "mãos erradas": "A comédia é, como já dissemos, imitação de homens inferiores; não todavia, quanto a toda espécie de vícios, mas só quanto àquela parte torpe que é ridícula.", afirmava.



"Legiões têm vivido a se perguntar se Cristo riu ou não... Acho que nunca riu porque, onisciente como devia ser o filho de Deus, sabia o que faríamos nós cristãos."

Frei William de Baskerville

Para os beneditinos, do filme e da vida real, no mosteiro estavam somente os "eleitos", que deveriam elevar-se à santidade e por ela diferenciar-se dos outros homens. A vida austera que levavam seria o caminho perfeito para a superar as fraquezas propriamente humanas e chegar a Deus.

O riso era encarado como uma



A biblioteca é destruída pelo fogo

dessas fraquezas. E, passando da realidade medieval para a ficção de Umberto Eco, para "proteger" os monges do conhecimento da "literatura inadequada" e sua difusão pelo mosteiro, aqueles que tinham o livro em suas mãos eram assassinados. Depois de rirem do que liam, morriam por causa de um veneno que absorviam ao umedecer os dedos na língua para conseguir virar as páginas grudadas.

Humor versus Fé

Mas não é no enredo que se esgota a discussão sobre o riso em *O nome da rosa*. Os diálogos entre o frei William e o beneditino George de Burgos (Guilherme e Jorge para os leitores de Umberto Eco na tradução brasileira), por exemplo, são um verdadeiro embate entre visões da filosofia (de Aristóteles, de São Tomás de Aquino e de São Francisco de Assis) e da Igreja medieval sobre o humor.

George começa: "Um monge

não deve rir. Para isso existem os bobos e os tolos". E William rebate: "Os franciscanos são de uma ordem em que o riso é visto como indulgência. São Francisco de Assis era dado ao riso". George diz, então, que "o riso é um vento demoníaco, deforma o rosto e faz com que homens se pareçam com macacos". E William, irônico, em uma citação a Aristóteles: "Macacos não riem, o riso é próprio do homem".

Este e outros diálogos do filme ilustram como a Igreja medieval – principalmente do período em que a presença da Inquisição se fez mais forte – abominava dogmaticamente a risada. E mostram que a visão do riso como perversão da alma cristã servia também como uma das justificativas para o rígido controle do conhecimento exercido dentro dos mosteiros.

Segundo a historiadora e professora da PUC-Rio, Flávia Schlee Eyler, é no século XII que começa o declínio dos valores da Idade Média e o início da construção de uma subjetividade que não existiu durante toda a Era Medieval. "É exatamente neste momento de crise que se passa *O nome da rosa*. Percebe-se no filme a tentativa da Igreja em controlar a produção de subjetividade e de uma identidade que não fosse centrada em Deus", analisa.

Flávia afirma também que nesta tentativa da Igreja está a razão para o seu posicionamento diante do humor. Para ela, a comédia foi proibida, como uma busca do clero por reafirmar sua posição de comando. E ela explica: "não há comicidade fora do

humano. Os tipos cômicos existem na plenitude de sua materialidade, ou seja, o corpo se adianta à alma. Assim, o riso, um gesto social e plenamente corpóreo, torna-se perigoso aos olhos da Igreja."

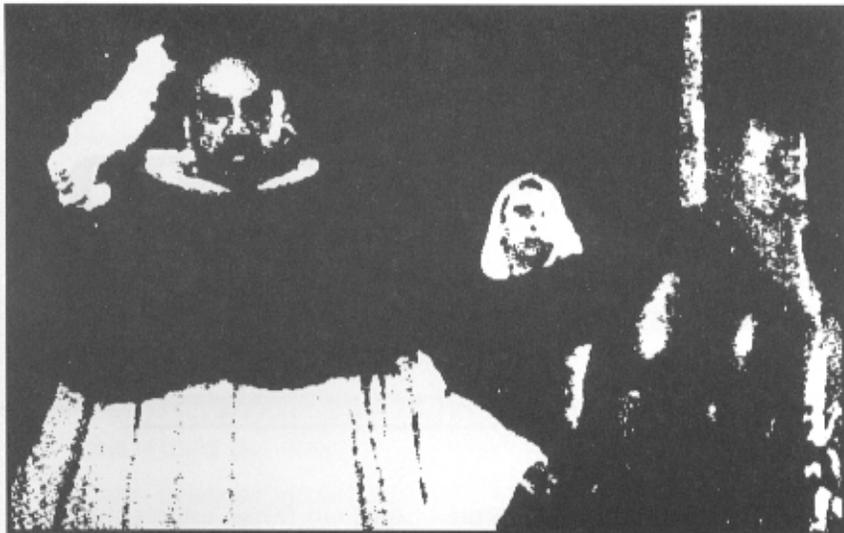


"Um monge não deve rir. Para isso existem os bobos e os tolos."

Jorge de Burgos

Cômico sutil

Como se não bastasse o humor estar no cerne de tantas questões em *O nome da rosa*, ele aparece também na sua estrutura narrativa. Apesar de não se poder dizer que trata-se de uma comédia,



A Inquisição punia os hereges com a morte

alguns críticos afirmam que, assim como o livro de Umberto Eco, o filme é marcado por um humor pós-moderno, já que mostra situações cômicas através de uma estética dramática.

A personagem William de Barkerville, por exemplo, é dotada de uma sutil e fina ironia, que se completa com o risinho e o olhar sarcásticos que Sean Connery empresta ao frei. Sem falar na cômica cena do debate entre os inquisidores, os franciscanos e

os beneditinos, que é camuflada em meio a um momento de crucial importância para o desenrolar da trama.

Mas por que o elemento cômico aparece apenas nas entrelinhas em uma obra cujo enredo gira em torno da questão do riso? Como o pecado que levou os monges à morte foi rir, talvez o filme esteja apenas fazendo com que o espectador embarque no clima sombrio do mosteiro e ria com moderação, para não ser o próximo.



As bibliotecas medievais e a limitação da intelectualidade



Em *O nome da rosa*, apesar de a biblioteca estar aberta aos monges e também aos padres visitantes, uma parte dela é restrita ao bibliotecário, a seu ajudante e aos superiores do mosteiro. Isso ilustra como a intelectualidade não era, naquele momento, algo que devesse atingir a todos, mas somente aos mais cultos. Segundo o próprio filósofo Aristóteles, ela não é a característica fundamental do ser humano, mas sim, a racionalidade.

Na Idade Média, muitos livros que ofereciam "perigo" ao homem foram queimados. Há casos de bibliotecas inteiras incendiadas, como a de Alexandria, para impedir a difusão do conhecimento, o que também foi explorado na ficção. No mosteiro onde se passa o filme, a biblioteca termina em chamas não acidentais para que toda a riqueza literária que abrigava não caísse em "mãos erradas".

Foi também no período medieval que a Igreja necessitou reafirmar sua ortodoxia, dado que as pregações anticlericais se propagavam rapidamente. São desta fase as primeiras heresias punidas rigorosamente com a morte pelo Tribunal do Santo Ofício. Se o inimigo estava pronto para corromper o cristianismo através de seus membros mais fracos, o monastério por sua vez, com seu rigor e sua disciplina de oração, protegia os monges dos erros do mundo secular.